

Ateliê biográfico de projeto: espaço-tempo para a construção das biografias educativas em Educação Física

Schultz Wittizorecki, Elisandro; Universidade Federal do Rio Grande do Sul,
elisandro.wittizorecki@ufrgs.br

Tragino Plotegher, Ândrea; Universidade Federal do Rio Grande do Sul,
andreat.plotegher@hotmail.com

Resumo

O texto objetiva discutir a apropriação do Ateliê Biográfico de Projeto (ABP) como um dispositivo de formação-investigação no campo da formação de professores(as) em Educação Física. O ABP apresenta uma proposta que articula biografia e educação (física), por apresentar potencialidades que considera o sujeito protagonista da sua formação. A metodologia apoia-se em uma abordagem qualitativa e adota como princípios os fundamentos da pesquisa biográfica e o movimento das histórias de vida.

Palavras-chave: Ateliê biográfico de projeto, Histórias de vida, Formação de professores, Educação Física.

Introdução

O texto tem como objetivo discutir a apropriação do Ateliê Biográfico de Projeto (ABP) como um dispositivo de formação-investigação no campo da formação de professores(as) em Educação Física. O ABP se apresenta como uma proposta que articula biografia e educação, baseado no conceito de Delory-Momberger (2014), por apresentar potencialidades que considera o sujeito protagonista do seu processo de formação, de conhecimento e aprendizagem, a partir da biografização, ou seja, a capacidade de fazer a narração da sua própria biografia educativa (Dominicé, 2014).

As pesquisas sobre as memórias e trajetórias de formação de professores(as) acerca das aprendizagens da docência, com base nas histórias de vida, vem sendo utilizadas a partir de duas perspectivas que aparecem de forma imbricada, sendo um dispositivo de formação e instrumento de pesquisa (Bueno et al. 2006; Souza, 2007). Para melhor compreensão dessa dupla perspectiva assumida pelo uso das histórias de vidas, faz-se um exercício interessante de entendimento a partir do que Abrahão (2016) vai chamar de “tríplice dimensão da narrativa”: a

narrativa, enquanto um fenômeno (ato de narrar-se); como método de investigação, e como um processo de ressignificação do vivido.

Abrahão (2016) explica que narrar a sua história de vida significa atribuir significados, sentidos a sua vida, que é constituída por fenômenos, fatos, acontecimentos inseridos em contextos sociais culturais, ao mesmo modo que ao narrar a sua história, a mesma irá se constituir pela interação entre outros sujeitos. No ato de narrar a sua história para alguém, os sujeitos ressignificam os seus acontecimentos (re)construindo os seus significados diante daquilo que foi vivido.

Desse modo, o estudo apoia-se em uma abordagem qualitativa e adota como princípios teóricos-metodológicos os fundamentos da pesquisa biográfica e o movimento das histórias de vida (Josso, 2004), sendo realizado com professores(as) pesquisadores(as) vinculados ao grupo de estudos qualitativos formação de professores(as) e prática pedagógica em Educação Física e Ciências do Esporte (F3P-EFICE) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Sendo assim, o ABP se desenvolveu, tendo em vista compreender, por meio das narrativas (auto)biográficas, como os professores(as) em processo de formação continuada tem articulado à docência e a pesquisa na constituição do ser e estar docente.

Ateliê biográfico de projeto (ABP)

Delory-Momberger (2006) justifica e propõe o ABP como dispositivo de formação-investigação, pois se apresenta como um espaço-tempo potencializador de reflexões, à medida que inscreve a história de vida em uma dinâmica prospectiva que articula as três dimensões da temporalidade: (i) passado (pela rememoração das experiências vivenciadas; (ii) presente (condição no qual se encontra atualmente) e, (iii) futuro (elaboração do projeto pessoal). A dimensão do tempo, assume como uma das características das pesquisas biográficas, denominada de temporalidade biográfica.

Sobre as implicações no campo da formação de professores(as), Souza (2016) destaca o sentido e a pertinência da narrativa ao entender que o recurso permite os(as) docentes em formação (inicial ou continuada) compreender o processo de conhecimento e de aprendizagens a partir das suas próprias experiências ao longo da vida e nas trajetórias de formação, e, potencializa a interpretação dos processos históricos referentes à educação e à educação física em diferentes

espaços-tempos. As histórias de vida constituídas por narrativas representam um processo de ressignificação sobre o conhecimento de si, enquanto pessoa e profissional ao narrar sua trajetória.

Nesse processo, o ABP adota duas práticas que são complementares no seu percurso, são elas: a autobiografia e a heterobiografia. Para Delory-Momberger (2014) a autobiografia está relacionada ao trabalho que será realizado por si mesmo no ato de narrar, ou seja, uma escrita de si, que pode ser falado ou escrito, e a heterobiografia, que corresponde ao trabalho de escuta/leitura e compreensão da narrativa realizado pelo outro. Sobre essa relação Delory-Momberger (2014) elucida que “a narrativa do outro é assim um dos lugares onde experimentamos nossa própria construção biográfica; onde ela pode deslocar-se, reconfigurar-se, alargar-se seu horizonte; onde ela se põe à prova como escrita de si” (p 61).

Para a realização do ABP, foi organizado e planejado seis momentos específicos, de acordo com a proposta da autora Delory-Momberger (2014). O primeiro momento foi a exposição das informações sobre os procedimentos, objetivos do ateliê e os dispositivos que seriam utilizados; o segundo momento consistiu na elaboração, negociação e ratificação coletiva do contrato biográfico; o terceiro e quarto momentos, se desenvolveram em duas jornadas, com a produção da primeira narrativa (auto)biográfica seguido da sua socialização; quinto momento foi a construção das cartas (escrita sobre a narrativa do outro) e o sexto momento foi a leitura e socialização da segunda narrativa (auto)biográfica, como também um tempo de síntese final.

Esse modo de conceber a pesquisa se apresenta como um dos desafios dos usos das histórias de vida, à medida que o interesse dessa proposta não está naquilo que o outro lhe ensina, ou o que deseja que os sujeitos aprendam, mas sim como os(as) docentes aprenderam a partir das suas próprias experiências, que se encontram, em sua maioria interligado, nas ações enquanto docentes e pesquisadores(as). Josso (2004) destaca o deslocamento sugerido na proposta com as histórias de vida e que pode provocar, em parte, algumas surpresas, quando o sujeito é convidado e implicado a pensar sobre suas ações. Na ação, no ato de ensinar as questões que surgem ou que são levantadas nos processos formativos, é sobre o que os(as) alunos(as) aprenderam (ou não), e pouco, ou quase nada, sobre o que eu aprendi ao ensinar.

Para pensar de forma biográfico-narrativa, os processos de investigação e formação, é necessário romper com uma série de dualidades, como estar dentro e fora da

academia/universidade, teoria e prática, sujeito e objeto. Nesse caso, os(as) professores(as) de educação física são autores(as) e o próprio objeto, ou seja, uma prática que rompe com a ideia de sujeitos que pensam em objetos de conhecimentos (Hernández, 2011).

A oportunidade proporcionada pelo ABP como espaços para a reflexão compartilhada sobre as histórias de vida, permite olhar para as nossas singularidades e ao mesmo tempo para as similaridades, que de certo modo possibilita reconhecer os condicionantes sociais (as lógicas estruturantes) que vão pautando a nossa existência, revelada muitas vezes pelas exclusões, violências e apagamentos identificados nos diferentes espaços-tempo da nossa trajetória de vida e os encadeamentos que essas questões exercem sobre a constituição docente e os interesses de pesquisas.

A imersão nesse processo de (re)construção biográfica nos remete ao que Dominicé (2006) vai chamar de pluralidade biográfica, ao afirmar que o exercício biográfico necessita de um trabalho de formação que não consegue ser reduzido há apenas um único registro psicológico, mas sim, “[...] aponta para uma globalidade, feita da aliança de saberes múltiplos e de aprendizagens complementares” (Dominicé, 2006, p. 350). Delory-Momberger (2016) contribui ao afirmar que a maneira como cada sujeito/a biografa as suas experiências e como as integra nas construções biográficas sobre o que fazem e o que são nos diferentes espaços, escola, família, profissão, lazer, constitui como parte do processo formativo.

As experiências que vivemos acontecem nos mundos históricos e sociais aos quais pertencemos e trazem, portanto, a marca das épocas, dos meios, dos ambientes nos quais nós as vivemos. De acordo com seus pertencimentos, sua idade, suas categorias sócio-profissionais, suas atividades sociais, os indivíduos atravessam sucessivamente, e algumas vezes simultaneamente, um grande número de espaços sociais e de campos institucionais: família, escola e instituições de formação, mercado de trabalho, profissão e empresa, instituições sociais e culturais, associações e redes de sociabilidade, etc (Delory-Momberger, 2016, p. 137).

Ocorre que parte dessa construção da história de vida passa pela escola, enquanto instituição formal de educação, que atravessa não somente a profissão docente como também os estudos e pesquisas. O laço que une nesse exercício de trabalho biográfico se apresenta de modo a identificar as metamorfoses que sofrem à medida que mudamos/deslocamos nossos papéis (alunos(as)/professores(as)) acompanhadas pelo processo de reflexividade narrativa (PASSEGGI, 2021). Os(as) docentes que participaram do ABP, trouxeram desde a

escolarização até a formação continuada, suas dúvidas, questionamentos, enfrentamentos, curiosidades e as incertezas sobre as suas próprias ações e pensamentos.

Nesse sentido as histórias de vida e os sentidos construídos, passam a romper com a ideia de campos disciplinares para a sua compreensão, e sim uma “tessitura” dos sentidos atribuídos, que perpassam pela religião, família, lazer, relacionamentos afetivos, mudanças de cidade/país, entre outros, fazendo com que essa articulação tenha implicações na constituição da docência.

Considerações finais

A implicação da escuta/leitura da narrativa do outro e o reconhecimento de si nessas narrativas nos remete a entender a relevância das interações entre os participantes ao longo do percurso do ABP, acerca da (re) construção da identidade docente e da aprendizagem biográfica. O poder em se autorizar a construção de um desvelamento de si, através das narrativas, encaminha para possíveis processos emancipatórios na medida em que as singularidades são reveladas, articulando espaços, tempos, experiências, pessoas e objetos. Outro fator atribuído ao dispositivo, é a possibilidade de fazer emergir o projeto subjetivo dos envolvidos, ou seja, visa fundar um futuro do sujeito ao considerar as capacidades de mudanças que emergem na construção da narrativa na área pessoal e profissional. Por fim, a ideia central do ateliê biográfico de projeto foi proporcionar o processo de biografização de si, de modo a ser um caminho para a integralização dos saberes e conhecimentos disponibilizados no percurso da docência e da pesquisa, tendo como base as experiências de vida e formação vivenciadas dentro e fora da universidade e da escola, bem como permitir processos reflexivos das práticas pedagógicas vividas ao longo da carreira docente.

Referências

- Abrahão, M. H. M. B. (2016). As narrativas de si ressignificadas pelo emprego do método autobiográfico. In: Abrahão, M. H. M. B.; Souza, E. C. (Orgs.). *Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si*. EDIPUCRS, 149-170.
- Bueno, B. O. et al. (2006). Histórias de vida e autobiografias na formação de professores e profissão docente (Brasil, 1985-2003). *Revista Educação e pesquisa*, 32(2), 385-410. <https://doi.org/10.1590/S1517-97022006000200013>

Delory-Momberger, C. (2006). Formação e socialização: os ateliês biográficos de projeto. *Revista Educação e Pesquisa*. 32(2), 359-371. <https://doi.org/10.1590/S1517-97022006000200011>

Delory-Momberger, C. (2014). *Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto*. EDUFRN.

Dominicé, P. (2014). O processo de formação e alguns dos seus componentes relacionais. *O método (auto) biográfico e a formação*, 2, 77-90.

Hernández, F. (2011). Las historias de vida en el marco del giro narrativo en la investigación en Ciencias Sociales: los desafíos de poner biografías en contexto. F. Hernández, JM Sancho y JI Rivas (coords.). *Historias de vida en educación. Biografías en contexto*, 13-22.

Josso, M. C. (2004). *Experiências de vida e formação*. Cortez.

Passeggi, M. C. (2021). Reflexividade narrativa e poder auto(trans) formador. *Revista Práxis Educacional*. 17(44), 93-113. <https://doi.org/10.22481/praxisedu.v17i44.8018>

Souza, E. C. (2007). (Auto)biografia, histórias de vida e práticas de formação. In: Nascimento, A. D.; Hetkowski, T. M. (Org.). *Memória e formação de professores*. EDUFBA. <https://books.scielo.org/id/f5jk5/04>